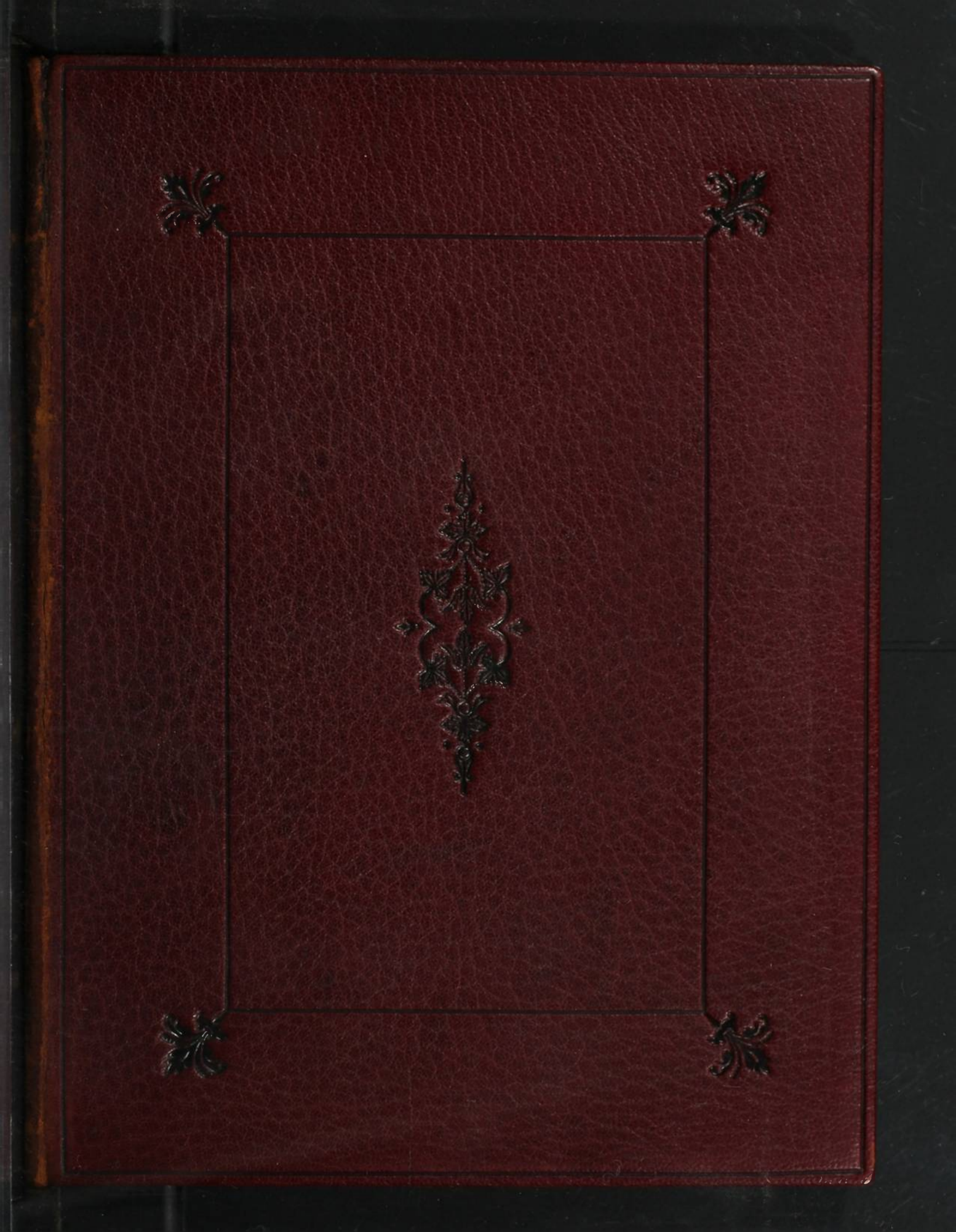
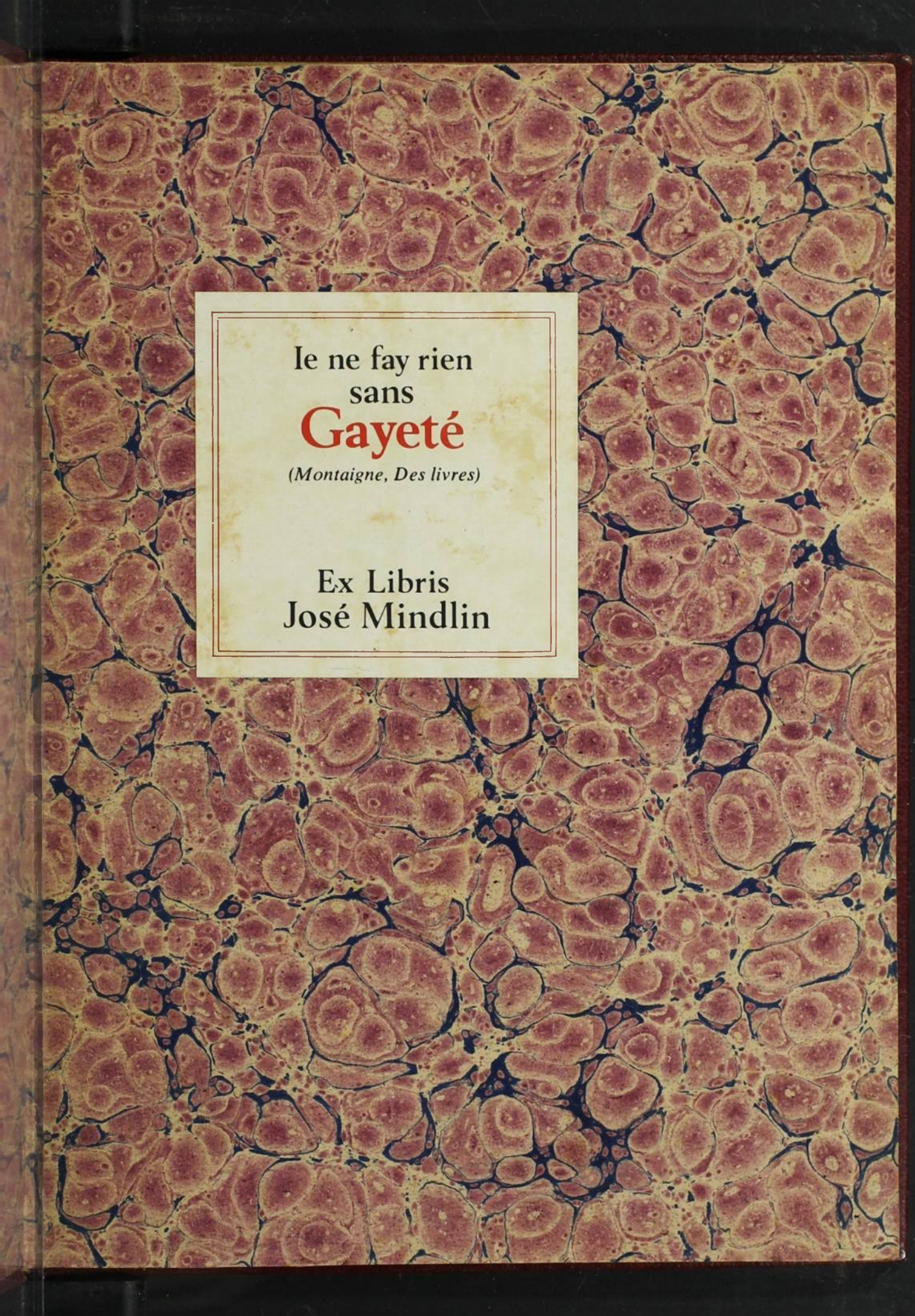


EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

RELAÇAÕ
DAS FESTAS QUE SE FIZERAM EM
PERNAMBUCO
PELA FELIZ ACCLAMAC,AM
DO MUI ALTO,E PODEROSO REY DE PORTUGAL
D. JOSEPH I.
NOSSO SENHOR
do anno de 1751. para o de 1752.

sendo Governador, e Capitaõ General deſtas Capitanias

O ILLUSTRIS. E EXCELLENTIS. SENHOR
LUIZ JOSEPH
CORREA DE SA
do Conſelho de Sua Mageſtade, &c.

Por **FILIPPE NERI CORREA**

Official mayor da Secretaria do Governo, e Secretario particular do meſmo Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Governador.

LISBOA,
Na Officina de MANOEL SOARES.

Anno de MDCCLIII.
Com todas as licenças neceſſarias

RELAÇÃO

DAS FESTAS QUE SE FIZERAM NA

FELA FELIZ ACCLAMAÇÃO

DO MUITO ALTO E PODEROSO REY

D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR

LISBOA,

Na Officina de MANOEL SOARES.

RELAÇAÕ

DAS FESTAS QUE SE FIZERAM EM

PERNAMBUCO

PELA FELIZ ACCLAMAC,AM

do muito alto, e Poderoso Rey de Portugal

D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR

do anno de 1751. *para o de* 1752.

DETERMINANDO o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor General dar principio ás preciſas, e ineixcuſaveis demonſtraçõẽs do ſeu alvoroço, na ſempre feliz acclamaçaõ do noſſo Auguſtiſſimo Monarca o Senhor D. Joſeph I., e deſejando que

chegaſſem ao Ceo as noſſas rogativas antes que na terra ſe ouviſſem vivas, e acclamaçõeſ; perferindo os actos de piedade aos de alegria eſcreveo logo aos Prelados das Religioens deſta Praça do Reyno, e Cidade de Olinda, para que eſtes com ſeus Religioſos fizeſſem preces, e oraçoens a Deos pela vida, augmento, e progreſſos de Sua Mageſtade derigindo os paſſos deſte glorioſo empenho com taõ acertada ordem, como bem o manifeſtaõ as ſuas diſcretas, e judicioſas cartas, que fielmente vaõ copiadas neſte lugar para mayor clareſa deſta narraçaõ.

CARTA

para o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo de Pernambuco D. Luiz de Santa Thereſa.

PArecendo-me juſto que depois de darmos graças a Deos pela merce de nos deixar ver Coroado hum Rey, que deſempenha as obrigaçoens do ſeu nome no cuidado com que procura o augmento dos ſeus vaſſallos, naõ ſó na generoſa equidade com que deſtribue os premios, mas na rectidaõ

dão com que quer se administre a Justiça, determinei que na mesma noite do dia 6. de Junho (em que Vossa Excellencia dispoem na sua Cathedral o *Te Deum laudamus*) com aviso das Camaras da Cidade de Olinda, e Villa do Recife mostrassem os moradores de huma, e outra Povoação o seu justissimo alvoroço com tres noites successivas de luminarias; e supposto que aos Prelados das Religioens escrevo, e pedindo-lhe roguem a Deos, e as suas Communidades pela vida do nosso Soberano, e felicidades do seu Reynado, a Vossa Excellencia peço queira intimar-lhes, que concorrão tambem para as publicas demonstraçoens de tão justificado contentamento, &c.

CARTA

circular para os Prelados das Religioens.

QUerendo dar principio ás justas demonstraçoens do nosso alvoroço pela Coroação do Augustissimo Monarca El-Rey D. Joseph I. nosso Senhor pareceo-me que fosse este no dia dos seus felices annos, por ser o seu nascimento a origem das felicidades, e augmentos de Portu-

gal, e das suas conquistas, antes pronosticadas no seu prodigioso, e incomparavel nome, e ja praticadas no seu magnifico, e Real animo, e como para pôr em execuçaõ o publico contentamento desta Cidade, e Villa avisei a huma, e outra Camara para determinarem tres noites successivas de luminarias, sendo a primeira no dia 6. de Junho, naõ quiz deixar de fazer aviso a Vossa Reverendissima esperando que nas suas oraçoens, e de todos os Religiosos seus subditos, pessaõ a Deos nos dilate na preciosa vida do nosso Soberano, o gosto com que a gora applaudimos a sua ditosa Coroaçaõ, &c.

CARTA

para a Camara da Cidade de Olinda.

SEndo razaõ que os vassallos desta Capitania se empenhem nas demostraçoens do alvoroço pela feliz acclamaçaõ do nosso Augustissimo Monarca, he justo que o principio do obsequio, seja o louvor a quem nos quiz dar hum Rey, que cuida em fazer felices os seus vassallos, e opulentos os seus Dominios, por esta causa tem o Excellentissimo,

mo, e Reverendissimo Senhor Bispo determinado, que no dia 6. de Junho (que he o em que com a sua Real pessoa nasceo a Portugal, e ás suas Conquistas a fortuna que hoje logramos todos) se cante de tarde na Sé o *Te Deum laudamus* a cujo acto devem vv. mm. assistir em corpo de Camara, no lugar destinado em funçoens semelhantes, e a noite deste dia, ha de ser o primeiro de luminarias, que se continuarão até o dia oito, as quaes devem vv. mm. publicar na fórma do costume, e com a anticipação que julgarem precisa, &c.

CARTA

para a Camara da Villa do Recife.

PAra que os moradores desta Villa façaõ publica ostentação do gosto que lhe resulta da feliz Coroação do nosso Soberano, devem vv. mm. primeiro declarar na fórma do costume (com a anticipação que julgarem conveniente) a obrigação que tem todos de concorrer para taõ justo applauso, com tres noites successivas de luminarias, sendo a primeira no dia 6. de Junho, que he o que pareceo mais proprio para principio do

alvoroço, por ser o em que fazemos ditoſa recordaçaõ do ſeu Auguſto naſcimento, &c.

O meſmo aviſo fez Sua Excellencia aos Officiaes de todas as Camaras de ſua juriſdiçaõ, e lhe ordenou, q̃ álem das tres noites de ſucceſſivas luminarias (que haviaõ principiar em o dito dia 6. de Junho) pediſſem aos Parrochos das ſuas Freguefias (muito de mercê) quizeſſem concorrer (pelo que lhe tocava) para taõ juſtificado obſequio, encarregando-lhe tambem, fizeſſem a meſma ſupplica aos Prelados dos Conventos nas Villas aonde os havia, e aos Commandantes das Fortalezas da guarniçaõ da marinha do ſeu Governo (como mais intereçados nos cultos das Mageſtades) mandou, que em cada huma das ditas tres noites de luminarias (para que tambem foraõ aviſados) déſſem tres ſalvas de artilharia de hora, em hora, q̃ principiariaõ á ſete, ſem q̃ por eſta ordem alteraſſem a que tem de dar huma ao meyo dia em todos aquelles em que fazem annos as peſſoas Reáes.

Declinada a acçaõ, e diſtribuidas que foraõ as ordens no Domingo em que a Igreja celebrou a Feſta da Santiſſima Trindade, que ſe contavaõ 6. do mez de Junho de 1751. (dia fauſto para Portugal, por ſer o em que o noſ-

ſo

ſo inclito Soberano cumpria ſeus proſperos, e feſtejados annos, é o em que todos principiavaõ ja a dar ſignais dos jubilos de alegria em que ardiaõ ſeus inflamados coraçoens, deixando-ſe-lhes bem conhecer a cada hum no alvoroço, a efficacia do ſeu contentamento) marcharaõ os dous Regimentos da Villa do Recife, e Cidade de Olinda para o terreiro da Cathedral da meſma Cidade com taõ mageſtoſo apparato, deſembaraço, e militar diſciplina, como ſempre o ſouberaõ praticar eſtas tropas, tanto na paz, como na guerra, conduzindo muito para o faſto de taõ galhardo movimento a uniformidade do novo fardamento que Sua Excellencia lhe tinha deſtinado para dia de tanto goſto.

Formados em batalha, paſſáraõ Suas Excellencias para a Sé, aonde ſe achava o mais nobre, e luzido auditorio, que ha muitos tempos ſe tinha ajuntado neſtas Capitanias, o qual ſe compunha da Camara da Cidade, Prelados das Religioens, Officiaes militares, Cidadoens, e de todos aquelles a quem o ſeu honrado naſcimento fazia inſeparaveis da aſſiſtencia de taõ glorioſa acçaõ, ſem que os longes das ſuas habitaçoens, nem o dilatado dos caminhos, lhe diminuiſſe o ardor com que eſta porçaõ de

vaſſallos (imitando a ſeus leaes progenitores) ſouberaõ diſtinguirſe na fidelidade, e obſequio de ſeus Soberanos.

Eſtava aquelle grande Templo magnificamente adornado, e curioſamente guarnecido das mais viſtoſas ſedas, e ricos paramentos que permittia o paiz; no meyo do Cruzeiro ſe via hum como throno levantado coberto de ſingulares alcatifas, ſobre o qual havia hum ſaldiſtorio em que Sua Excellencia Reverendiſſima rompeo o acto com hum admiravel, e doutiſſimo Sermaõ, tomando por tema aquellas palavras da Igreja.

Corona aurea ſuper caput ejus expreſſa ſigon ſanctitatis, gloriæ, & honoris.

Sobre que diſcorreo com grande energia, e erudiçaõ dividindo-o em tres diſcurſos moſtrando no primeiro, que ſó a Coroa do noſſo novo Monarca era de ouro; porque ſó elle a fundava na ſantidade verdadeira ſabedoria, á qual ſó ſe podia applicar o Texto: *Quoniam omne aurum in comperatione illius arena eſt exigua.* No ſegundo moſtrou que por iſſo era a Coroa do noſſo Monarca verdadeiramente de ouro; porque á gloria de ſeus preclaros aſcendentes,

dentes, ajuntava a gloria de governar os seus vassallos com piedade, e justiça como mostrou desde o primeiro dia de seu felicissimo governo. E no treceiro, que só na santidade, e gloria de governar bem os seus póvos, podiaõ os Reys adquirir houra, e como a experiencia ja hia mostrando quanto a preço fazia o nosso Rey destas virtudes, justamente se podia dizer, que só a Coroa do nosso Augustissimo Monarca era de ouro, &c.

Concluhio ultimamente o discurço, entoando o *Te Deum laudamus*, a que com suaves harmonias, e agradavel melodia respondeo (e foi continuando o Hymno) a musica, que estava dividida em quatro bem concertados córos a quem regia, e fazia compaço o R.P.M. Antonio da Silva Alcantara, insigne compositor, e Mestre da Capella da mesma Sé, aonde ajuntou para esta funçaõ, os mais destros instrumentos, e as melhores vozes que havia em todo este continente, álem dos Musicos do partido, sendo elle o mesmo que tinha composto aquella solta, de que teve (pelo bom gosto della) hum geral, e bem merecido applauso.

Dadas as graças ao Rey dos Reys pelo beneficio da felicidade deste alegre dia, àca-

bada a acçaõ, e desfeito aquelle nobre congresso, ao repicar dos sinos deraõ os Soldados tres descargas de mosquetaria, a que responderaõ como em ecco as Fortalezas, formando com linguas de fogo conceituosas expressoens de marcial alegria.

Na noite daquelle dia principiáraõ as tres de luminarias, até o dia oito, em que o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor General deu a todos os Officiaes dos dous Regimentos (de Capitaõ para sima) hum admiravel jantar, abundante das mais exquisitas iguarias, e delicados manjares, que pôde descobrir o gosto, em hum paiz aonde naõ alcançaõ os inimos da Corte, nem as delicioſas frutas da Europa.

Acabou-se finalmente este festival, e luminoso triduo com hum bom sarao, em que o capricho, destresa, e galantaria, fizeraõ os principaes papeis.

Passados alguns dias se entrou na manufactura de hum sumptuoso tablado, ou edificio, em que se haviaõ reprezentar tres comedias que Sua Exsellencia ordenou se pozessem logo promptas, cuja deligencia emcarregou ao grande curioso Francisco de Sales Silva, o que elle soube bem desempenhar, naõ só em

pôr

pôr habeis as peſſoas que haviaõ entrar, mas em compor para ellas, diſcretas loas, e engraçados bailes.

Por conta de Miguel Alvares Teixeira (curioſo militar da artilharia) correo a ſtructura do tablado, e pinturas, de que deu taõ boa conta, que naõ poderáõ ja os profeſſores da Arquitectura civil fallar nelle ſem reſpeito, nem os pintores de preſpectiva ſem eſpanto.

Armou-ſe o tablado defronte das janellas de Palacio, que como da parte que olha para o Recife correm dos lados duas galerîas, ficou formando huma grande, e bem deſafogada platéa.

Tinha a fachada daquelle bem delineado edificio 50. palmos de altura, e 60. de largo, e de boca do arco grande (que era como os mais de volta abatida) 24. de alto, e 32. de largo, e o fundo em que trabalhavaõ os baſtidores 37. e da corrediça grande até a boca do arco ſete palmos, e da boca do arco para fóra onze, excepto o grande vaõ, que ſervia de veſtuario. Por ſima da cornija principal corria huma varanda de balaûſtes á Romana, alternados com ſuas quartellas, com vaſos de flores nos extremos, e no meyo hum pedeſtal, ſobre que deſcançavaõ as armas Reáes

Por-

Portuguezas fabricadas em vulto, como a mais obra da varanda, arrematava o tecto pela parte exterior, huma boa tarja tecida de instrumentos Militares, e nos cantos, com duas esféras, os claros da frontaria eraõ pintados de pedra côr de rosa anodoada de branco, os balaûstes de encarnado mais purpureo, os pés direitos, cornija, pedestal, quartellas, e os arcos fichos de pedra verde, e da mesma côr era tambem pintada a corrediça que arrematava esta primeira scena, nella se viaõ as armas de Sua Excellencia em sima de huma peanha, que estava debaixo de huma bem fingida, e curiosa cupula, que carregava sobre quatro columnas encarnadas de ordem corinthia. Fechava a boca do tablado hũa grande cortina branca semeada de flores, e a *occhiesta* que era obra de volta, servia de base a este admiravel frontespicio.

Compunha-se o theatro de tres vistosas scenas, huma firme, e duas volantes, com cinco ordens de agradaveis, e delisiosas vistas; a primeira que era de sala Real com soberbos, e levados porticos de estylo moderno, estava admiravelmente adornada de bofetes, espelhos, quadros, e ricos cortinados de damasco carmezim guarnecidos de ouro, e no fim hum

bem

bem lançado pavilhaõ do meſmo damaſco, com forro azul, e ſeu remate como de talha dourada, tanto ao natural que ouve peſſoas, que lhe cuſtou a perſuadir-ſe que era pintura. A ſegunda de columnatas de ordem Toſcana, fingidas de pedra vermelha, e a ſentadas com tal arte, que feridas com os reflexos das luzes, fazia hum taõ agradavel enlêyo, que ſenaõ podia bem perceber, ſe aquella viſta continuava por todo o comprimento da caſa pelo grande fundo que repreſentava, e o que fazia parecer ainda mayor a extençaõ, era porque a meſma obra que moſtravaõ os baſtidores, continuava na corrediça do fim, que arrematava em hum pequeno arco por onde ſe deſcobriam huns imperceptiveis oriſontes. Duas das viſtas ambas eraõ de jardim, mas com a differença de ſer hum ſechado, e outro aberto, no primeiro, ſe divizavaõ por entre as grades differentes, e peregrinas caſtas de flores, e no ſegundo, bem debuchados canteiros, que arrematavaõ no principio de hum ameno prado, regado de chryſtallinas aguas, que ſahiaõ de hum excelente chafariz; a quinta, e ultima que era compoſta de rudes arvoredos (em que o Author tanto ſe excede) ninguem ſe atrevia apartar os olhos della ſem repugnancia.

Todos

Todos eſtes jogos de baſtidores tinhaõ ſuas corrediças correſpondentes que lhe ſerviaõ de fundo, e de diviſaõ as Scenas.

Movia-ſe inſenſivelmente eſte artefacto por hum ſarilho occulto, que parecia impraticavel á ſuavidade, e deſtreza com que em hum inſtante, e ao meſmo tempo, ſe occultava huma viſta, e apparecia outra. O meſmo ſuccedia com as luzes quando era preciſo eſcurecer o tablado, porque com o meſmo repente com que ſe apagavaõ, ſe acendiaõ, ſem haver mais demora, que a de levantar, ou abaixar huns peſos, a que eſtavaõ ſujeitas as portas dos candieiros, que como eſtavaõ acentados de ſorte que ſenaõ podiaõ ver os movimentos, fazia eſta deſtreſa huma grande confuſaõ aos aſſiſtentes.

O tecto do tablado era de arcos de volta abatida como os da primeira Scena, e como eſtavaõ aſſentados em perſpectiva, ſeguindo a meſma figura delle que hia em diminuiçaõ (ſegundo a regra) de qualquer lugar ſeguiaõ todos.

Compunhaõ-ſe eſtes de faſtoens de flores deſencontrado-ſe huns dos outros, de ſorte, que neſta meſma deſordem, eſtava a galantaria daquelle bem matiſado pavilhaõ de Flora.

Era

Era o pauimento de hum agradavel xadrêz verde escuro, claro, e mais claro, de mayor, a menor, que ajudado das meyas tintas, representava huma grande longetude.

O frontespicio estava cheyo de luzes occultas com que se deixava bem lograr a obra extrior delle, e ao mesmo tempo, a lumiavaõ insensivelmente a plateya.

Concluida a obra, ensayadas as comédias, cuidou logo Sua Excellencia no ornato das figuras, para o que escreveo á Camara do Recife a seguinte carta.

CARTA

aos Officiaes da Camara do Recife.

PAra que em toda a parte se conheça, que esta Capitania de Pernambuco, asim como se asignalou sempre na defença dos dominios do seu Soberano, se distinguia no applauso da Coroaçaõ do seu Monarca, ordenei que depois de dar-mos com o *Te Deum* graças a Deos pela mercê de nos dar hum Rey com tantas virtudes, que está prometendo encher ao seu Reyno, e conquistas, de felicidades se fizessem no pateo deste Palacio

cio humas comedias como o permittisse o estado da terra, e por que he justo que esse Senado concorra para o complemento desta festividade, ao menos com algum trabalho, visto que a falta de rendimentos em que se acha o impossibilita para outro genero de despeza, correrá por conta de vv.mm. vestirem as figuras que haõ de entrar nas ditas comedias, e bailes, procurando para este fim o meyo que julgarem menos pesado a este povo, &c.

Em comprimento da referida carta se valeraõ os Camaristas das ordens regias encarregando aos officios mecanicos aquella deligencia, porém como alguns, mais por pobresa de animo, que de bens, entraraõ a fazer a fectados requerimentos, logo Sua Excellencia lhe difirio exonerando-os, para o que escreveo á Camara a seguinte carta.

CARTA

para os Officiaes da Camara do Recife.

COmo me consta que a mayor parte dos officiaes a quem vv. mm. obrigáraõ a concorrer para o ornato das figuras, ou por ambiçaõ, ou por necessidade se queixaõ

xaõ huns, e ſe pertendem izentar outros, naõ baſtando para lhe fazer voluntaria, e goſtoſa eſta contribuiçaõ, nem a moderaçaõ com que vv. mm. a arbitráraõ, nem o motivo da feſtividade, ſe me faz preciſo dizer a vv. mm. que mandem logo chamar a todos os principaes dos officios, e lhe declarem, que por ordem minha os deſobrigaõ de toda a deſpeza, e trabálho, e faraõ toda a diligencia para mandarem que ſe reſtitua outra vez a quem pertencer, qualquer parſela por minima que ſeja que para eſte fim ſe tenha dado, e para que ſenaõ confundaõ as queixas, com os applauſos, tenho tomado o acordo de encarregar eſte trabalho a peſſoas, que cuidaõ ao meſmo tempo na ſatisfaçaõ do meu empenho, e no credîto da ſua patria, &c.

Logo que algumas peſſoas ſouberaõ, que Sua Excellencia eſtava menos ſatisfeito daquella naõ eſperada novidade, ſe vieraõ goſtoſamente offerecer, julgando cada hum por favor, a elleiçaõ que ſe fez no Capitaõ Nicoláo da Coſta Leitaõ, que bem moſtrou no deſempenho a ſinceridade do ſeu offerecimento.

He o procelloſo Inverno taõ ingrato neſta Coſta, que naõ permittio que ſe fizeſſem

as

as comedias ſenaõ no anno de 1752. a primeira, que era *la ſiencia de Reynar*; repreſentou-ſe na noite do dia 14. de Fevereiro, a ſegunda *Cueba, y Caſtillo de amor* na noite de 16. e a terceira, e ultima *la Piedra Phyloſophal* na de 18. do dito mez de Fevereiro de 1752.

Repreſentaraõ-ſe finalmente com geral applauſo, e admiraçaõ, deſempenhando os curioſos que entráraõ nellas, o acerto da elleiçaõ.

Omitto os primores em praticular, e o capricho com que foraõ executadas, por naõ alterar a ordem que levo.

Seria porém juſtamente arguido, ſenaõ fizeſſe aqui huma pequena oſtentaçaõ do mais luzido, e mageſtoſo eſpetaculo que podia lembrar ao goſto, que era ver (no principio de cada huma das comedias) abrir aquella grande cortina que fechava a boca do tablado, aonde achavaõ os olhos tanto em que empregar-ſe, que ſe acabava de cantar o tono, e ainda a viſta naõ ficava ſatisfeita, naõ ſei ſe pelo muito que tinha em que occupar-ſe, ſe por que a ſuavidade das vozes, e harmonia dos inſtrumentos, lhe devertia as opperaçoens viſuais.

Compunha-ſe aquelle bem debuchado, e lindo painel, de quatro córos de muſica, com

com trinta e tantas figuras ricamente adornadas, em que entravaõ quatro rabecoens, doze rabecas, duas trompas, e dous *abuaci*, e tudo o mais vozes, a que fazia compaço com toda agalhardia a primeira dama.

A ſolfa das comedias, era compoſta pelo meſmo Author da do *Te Deum*, e taõ admiravel como ſua.

O auditorio era o mais nobre, e o mais luzido deſtas Capitanias. O Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo, aſſiſtio ſó á primeira comedia; porque as ſuas indeſpoſiçoens lhe naõ déraõ lugar de dilatarſe mais tempo na companhia do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor General, ſem embargo da extremoſa aſſiſtencia com que foi tratado aquelles dias.

Concluhio-ſe o feſtejo com tres ſucceſſiuas noites de fogo, e na ultima ſe deſpedio o R. P. M. Alcantara de Sua Excellencia com huma boa ferenata.

Eſtas obſequioſas oblaçoens, e encarecidos ſignaes do contentamento, para que todos olhavaõ com reſpeito, e admiravaõ com paſmo, moveo de ſorte os animos de todos, que nem ainda aquelles que ſe eſcuſáraõ, deicharaõ de conhecer a falta em que os fez cahir a ſua puſilanimidade querendo-a imputar huns aos outros,

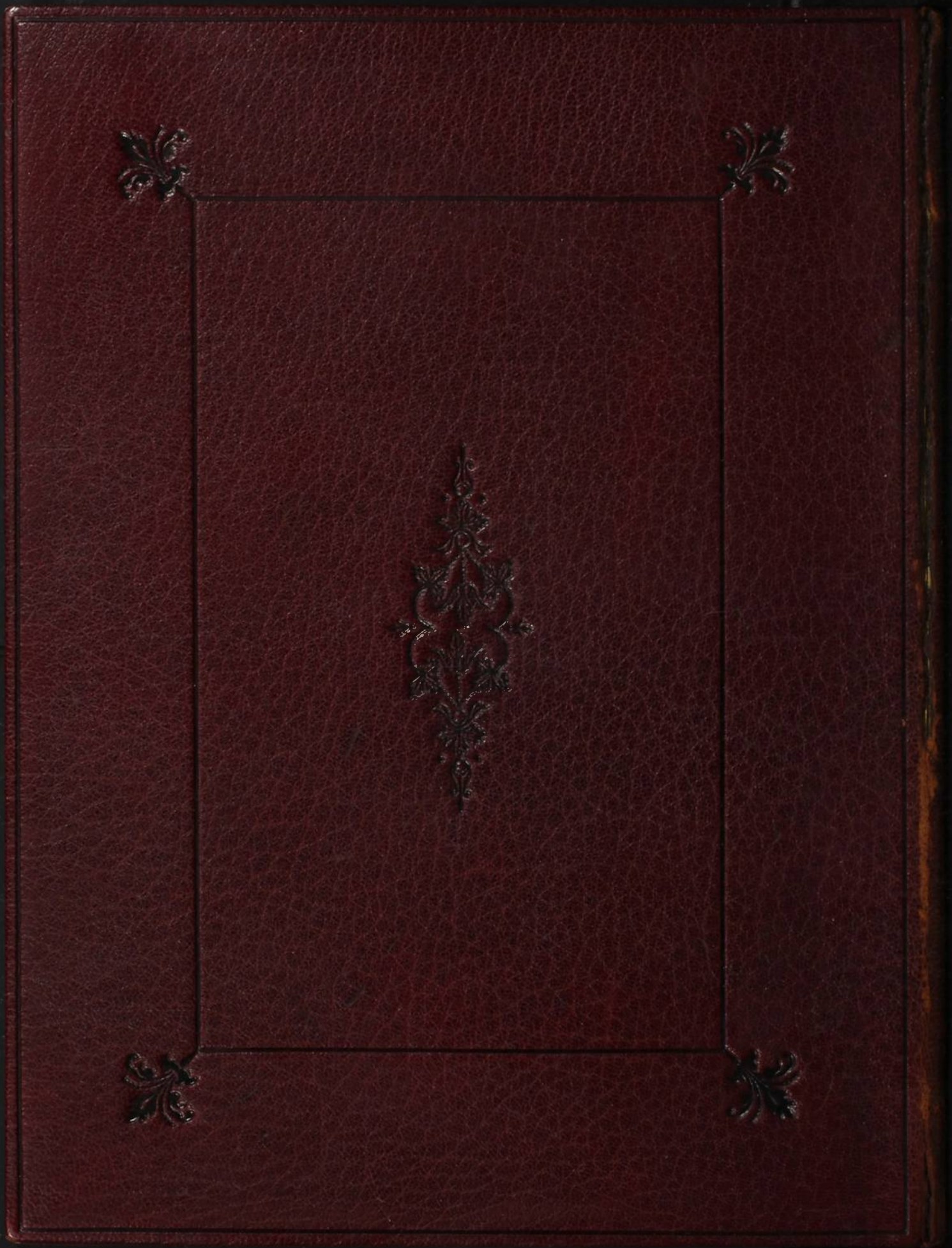
e os

e os q̃ o cério do estado, e o grave dos empregos, lhe naõ dava lugar a concorrer pessoalmente para este festival empenho, naõ podendo sopportar o fogo em que sentiaõ abrazar seus leais, e amantes coraçoens, romperaõ em metricos applausos, mostrando bem, que o fumo do incenso naõ offusca o simulacro.

E para que os leitores modifiquem o ineficas com o suave elegiidas obras que sahiraõ o seguinte.

SONETO ANONIMO.

VIva El-Rey Dom Joseph, e a sua idade
Os seus vassallos vejaõ taõ crescida,
Que aduraçaõ da sua augusta vida
Chegue a igualar a mesma eternidade.
Que em nós tudo ha de ser felicidade
No tempo em q̃ reinar, ninguem duvida,
Sendo neste Monarca conhecida
A inclinaçaõ aos actos de piedade.
Seraõ suas acçoens do mundo espanto
Entre todos os Reys será portento
E de leais affectos doce encanto;
Daõ-nos tantas virtudes fundamento
A esperar que o seu Reyno creça tanto
que o nome desempenhe, q̃ he Augmento.

FIM.

010060